

O TRABALHO DOS ENTREGADORES POR APLICATIVOS DIGITAIS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO NORDESTE

THE WORK OF DELIVERY RIDERS IN DIGITAL APPS IN SCIENTIFIC PRODUCTION IN THE NORTHEAST

Mario Henrique Guedes Ladosky¹
<https://orcid.org/0000-0002-6423-1196>
Marcia de Lima Pereira Couto²
<https://orcid.org/0009-0004-8038-9358>
Luiza Dantas de Souza Lima Teixeira³
<https://orcid.org/0009-0006-6449-4574>



RESUMO

Os estudos sobre trabalho têm se dedicado cada vez mais a compreender a atividade de entregadores por meio dos aplicativos digitais. É crescente a presença de resultados de pesquisa em congressos acadêmicos nacionais e internacionais, em artigos para revistas científicas, em monografias de conclusão de curso de graduação, teses e dissertações em diversos Programas de Pós-graduação. Dentro dessa ampla gama, este artigo traz breves considerações, com recorte na produção bibliográfica dos Programas de Pós-graduação e de cursos de graduação levantadas no acervo da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) de Universidades no Nordeste, e artigos encontrados no Portal de periódico da CAPES e na base do Google Acadêmico. Interessa-nos compreender qual o perfil de tais estudos sobre entregadores por meio das publicações: quais as áreas de conhecimento que têm se ocupado de investigar o trabalho de entregadores? Desde quando os entregadores se tornaram tema de interesse científico? Quais métodos e/ou técnicas de pesquisa têm sido utilizados? Qual o foco principal de questões abordadas? Em que medida os aportes teóricos-conceituais sobre o modo de produção capitalista têm sido utilizados nas publicações sobre os entregadores no Nordeste? Estas são algumas questões que este artigo trata. Antes de entrar nelas, dedicamos uma primeira seção a reflexões sobre a articulação do capitalismo de plataforma com formas de superexploração da força de trabalho no Nordeste, de modo a ter um “pano de fundo” com o qual as pesquisas sobre entregadores nesta região têm que lidar. Considerações finais sintetizam as reflexões do texto.

Palavras-chave: entregadores; nordeste; publicações científicas

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e docente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: mhladosky@gmail.com

² Doutora em Economia pela Universidade Federal do Pará e docente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: marcialpbr@yahoo.com.br

³ Doutora em Economia pela Universidade Federal do Pará e docente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: luizadantaslima@gmail.com

ABSTRACT

Work studies have increasingly dedicated themselves to understanding the activity of delivery people through digital apps. The presence of research results in national and international academic conferences, in articles for scientific journals, in undergraduate course conclusion monographs and in theses and dissertations in various Postgraduate Programs is increasing. Within this wide range, this article brings brief considerations with a focus on the bibliographical production of undergraduate courses and Postgraduate Programs collected in the collection of the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) of Universities in the Northeast, and articles found on the CAPES Journal Portal and on Google Scholar base. We are interested in understanding the profile of such studies on delivery drivers through publications: which areas of knowledge have been used to investigate the work of delivery drivers? Since when did delivery people become a topic of scientific interest? What research methods and/or techniques have been used? What is the main focus of the issues addressed? To what extent have theoretical-conceptual contributions about the capitalist mode of production been used in publications about delivery drivers in the Northeast? These are some questions that this article addresses. Before going into them, we dedicate a first section to reflections on the articulation of platform capitalism with forms of super-exploitation of the workforce in the Northeast, in order to have a “background” with which research on delivery drivers in this region has to deal with. Final considerations summarize the text’s reflections.

Keywords: delivery riders; north east; scientific publications

INTRODUÇÃO

As transformações recentes no mundo do trabalho têm se manifestado por meio das plataformas digitais. Em todo os países as empresas de aplicativos se expandem, penetram todos os setores da economia, assumem posição cada vez mais estratégica nas relações econômicas, arregimentam grandes e crescentes contingentes de trabalhadores, influenciam ascendentemente os padrões de negócios, as relações de trabalho e novas formas de organização e lutas dos trabalhadores.

Em Campina Grande (PB) demos início recentemente a um projeto de pesquisa em rede com instituições universitárias do país e da América Latina sobre os entregadores mediados por aplicativos digitais (*Ifood* e outros *Apps*), cuja questão central é analisar em que medida se verifica uma “endogenização” desse processo global no continente e também em escala nacional até o plano local/municipal. Assim, se houver uma dinâmica de reconfiguração global que altera o trabalho “de fora para dentro”, acredita-se também, de modo complementar, que os padrões de relações de trabalho anteriormente existentes

na região constituiriam um “terreno fértil” para a incorporação da chamada “uberização do trabalho” e podem ter sido um fator de atração das empresas de plataforma para o Nordeste. O levantamento bibliográfico feito sobre o tema, que dá base a este artigo, insere-se como uma das etapas dessa pesquisa.

Além desta introdução, o artigo é composto por duas seções. A primeira faz algumas considerações sobre a constituição do capitalismo de plataforma e procura relacionar o trabalho nos aplicativos digitais com uma literatura de abordagem teórica. O argumento é que categorias de análise como “exército industrial de reserva”, “salário por peça”, “superexploração da força de trabalho”, entre outras, com as devidas adequações, são atuais para compreender o fenômeno do capitalismo de plataforma em sua manifestação no Nordeste. Desse modo, na análise da literatura seria possível identificar uma “simbiose” entre novas e velhas formas de trabalho no capitalismo.

A segunda seção é dedicada ao levantamento da produção científica sobre os entregadores dos aplicativos digitais elaborada em instituições universitárias e de pesquisa situadas no Nordeste, e se apoia nas seguintes questões: quais as áreas de conhecimento que têm se ocupado de investigar o trabalho de entregadores? Desde quando os entregadores se tornaram tema de interesse científico? Quais métodos e/ou técnicas de pesquisa têm sido utilizados? Qual o foco principal das questões abordadas? Em que medida os aportes teóricos-conceituais sobre o modo de produção capitalista têm sido utilizados nas publicações sobre os entregadores no Nordeste?

Como se vê, não será feito aqui exatamente um “estado da arte” situando o debate entre os autores/as, com as diferentes perspectivas e aportes teórico-metodológicos. Este artigo dá um passo menor e anterior ao debate, embora também importante a nosso ver. Pretende-se futuramente preencher essa lacuna deixada neste artigo. A finalização do artigo traz uma breve sistematização e reflexões sobre o tema.

CAPITALISMO DE PLATAFORMA NO NORDESTE: NOVAS E/OU VELHAS FORMAS DE TRABALHO?

Dentre as diversas mudanças pelas quais o mundo do trabalho tem passado nos últimos anos, um debate contemporâneo e ainda em processo de compreensão remete, de um lado, ao surgimento de um novo modelo de negócios e, de outro, ao modo como as relações laborais se reconfiguram no contexto do capitalismo de plataforma (Srnicek, 2018).

Considerando a questão do modelo de negócios, o autor busca na crise do capitalismo fordista da segunda metade do século XX – em particular na superprodução e no acirramento da concorrência com o chamado toyotismo nos anos 1970 – as transformações que possibilitaram a emergência do capitalismo de plataforma nas décadas seguintes. Nesse sentido, assinala-se que a saída da crise se deu pela consolidação de formas de organização

flexíveis e enxutas do trabalho e da produção, junto com as inovações tecnológicas de base microeletrônica que revolucionaram os sistemas de informação e de comunicação.

Tomando a análise num sentido mais amplo, Streeck (2013, p. 12) considera esse período como o da dissolução do “casamento forçado” entre capitalismo e democracia, em que a lógica do livre mercado retoma seu papel hegemônico.

Nos anos 1980 a recuperação econômica do capitalismo nos EUA sinalizou novos segmentos de atividade, que deslocaram a tradicional indústria a um plano secundário, destacando-se, assim, nos anos 1990, o surgimento das empresas relacionadas ao uso e difusão da internet. A atração de grandes volumes de capital de risco proporcionou investimentos financeiros especulativos no mercado de capitais, movidos pela expectativa de lucros crescentes das empresas “ponto com”. O *boom* destas companhias durou de 1994 a 2000, quando veio o “estouro da bolha”⁴.

Apesar da derrocada, neste período o volume de recursos destinado ao setor das telecomunicações aumentou de “US\$ 154,6 bilhões em 1990 para US\$ 412,8 bilhões em 2000” (Srnicsek, 2018, p. 26). Isso permitiu a formação de uma infraestrutura, que significou a instalação de milhões de quilômetros de fibra ótica e cabos submarinos, a realização de grandes avanços de *software* e na concepção de redes, a realização de pesados investimentos em servidores e bases de dados, o que abriu o caminho para a economia digital que se seguiria no século XXI, por meio das plataformas. Para Srnicsek (2018, p. 12, tradução nossa),

Como definição preliminar, podemos dizer que por “economia digital” nos referimos às empresas que dependem cada vez mais da tecnologia da informação, dos dados e da Internet para os seus modelos de negócio. Esta é uma área que atravessa setores tradicionais - incluindo a indústria de transformação, serviços, transportes, mineração e telecomunicações - e que na verdade hoje está se tornando essencial para grande parte da economia. Entendida desta forma, a economia digital é muito mais importante do que uma simples análise setorial pode sugerir⁵.

O autor destaca a perspectiva das plataformas mediante algumas características, que são sintetizadas da seguinte maneira:

Em suma, as plataformas são um novo tipo de empresa; Caracterizam-se por fornecer a infraestrutura para intermediação entre diferentes grupos de usuários, por implementar tendências monopolistas impulsionadas por efeitos de rede, por fazer uso de subsídios cruzados para atrair diferentes grupos de utilizadores e por ter uma arquitetura central estabelecida que controla as possibilidades de interação. Ser dono de uma plataforma, por sua vez, é ser dono de software (os 2 bilhões de linhas de código do Google, ou os 20 milhões de linhas de código do Facebook)

4 O estouro da bolha especulativa na bolsa de valores eletrônica ocorreu quando o índice Nasdaq (*National Association of Securities Dealers Automated Quotations*, ou “Associação Nacional de Corretores de títulos de Cotações Automáticas”, em tradução livre) passou da margem de 5.000 pontos no pregão de 10 de março de 2000 para 1.200 pontos em outubro do mesmo ano, o que significou a perda de mais de US\$ 5 trilhões em valor de mercado (Figo, 2020).

5 “A modo de definición preliminar podemos decir que con ‘economía digital’ nos referimos a aquellos negocios que dependen cada vez más de la tecnología de información, datos e Internet para sus modelos de negocios. Esta es un área que atraviesa los sectores tradicionales - incluyendo el sector manufacturero, servicios, transporte, minería y telecomunicaciones-, y de hecho hoy se está volviendo esencial para gran parte de la economía. Así entendida, la economía digital es mucho más importante que lo que puede sugerir un simple análisis sectorial”.

e hardware (servidores, data centers, smartphones, etc.) construídos com tecnologia de código-fonte aberto (por exemplo, o Facebook usa o sistema de gerenciamento de dados Hadoop). Todos esses recursos tornam as plataformas modelos de negócios essenciais para extração e controle de dados. Ao proporcionar aos outros um espaço digital no qual possam interagir, as plataformas colocam-se em posição de extrair dados de processos naturais (condições climáticas, ciclos de crescimento, etc.), de processos de produção (linhas de montagem, produção em fluxo contínuo, etc.) e outras empresas e usuários (rastreamento da web, uso de dados, etc.). Eles são um dispositivo de extração de dados. (Srnicek, 2018, p. 49 e 50, tradução nossa)⁶.

Desde então, diversos termos emergem relacionados a esses novos processos, tais como: economias compartilhadas, *gig economy* ou economias de trabalho temporário, economias de vigilância, economias de *app*, capitalismo de plataforma, dentre outros, os quais têm como matéria prima fundamental as informações e uso de dados que os tornam valiosas mercadorias, uma vez que possibilitam acessar mercados, ganhos de competitividade, flexibilização e otimização em processos produtivos e na alocação e deslocamento de trabalhadores, dentre outras vantagens. A posse dos dados acaba por gerar uma nova classe de proprietários dos meios de produção, os detentores da informação.

Do ponto de vista das relações de trabalho, o capitalismo que se reconfigura no último quarto do século XX foi marcado, acima de tudo, por ataques ao trabalho e retrocessos para recompor o nível de acumulação sem as amarras da “proteção social”.

O elemento central passa a ser a intermediação por plataformas digitais e seus algoritmos, processo virtual que propicia a invisibilização da participação de sujeitos (empregadores e trabalhadores) a tal ponto que, muitos desses últimos se veem como trabalhadores autônomos e/ou empreendedores, ao mesmo tempo que vivenciam processos de precarização, fragmentação e desmobilização do trabalho inerentes ao modo de produção capitalista.

Machado e Zanoni destacam que as plataformas digitais tendem a colocar muitas questões sobre o emprego e que se tem uma tendência de ampliação de relações de trabalho precárias, “...representado por um modelo de atividade disponível vinte quatro horas por dia, sete dias por semana, com remunerações extremamente baixas...”. (Machado; Zanoni, 2022, p. 24).

Acerca desse tema, o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) assinala:

⁶ “Las plataformas, en resumidas cuentas, son un nuevo tipo de empresa; se caracterizan por proporcionar la infraestructura para intermediar entre diferentes grupos usuarios, por desplegar tendencias monopólicas impulsadas por efectos de red, por hacer uso de subvenciones cruzadas para captar diferentes grupos usuarios y por tener una arquitectura central establecida que controla las posibilidades de interacción. Ser propietario de una plataforma, a su vez, es ser propietario de software (las 2.000 millones de líneas de código de Google, o las 20 millones 5 de líneas de código de Facebook) y hardware (servidores, centros de datos, smartphones, etc.) construidos con material open-source (por ejemplo, Facebook utiliza el sistema de administración de datos Hadoop). Todas estas características hacen de las plataformas modelos de negocios clave para extraer y controlar datos. Al proporcionar a otros un espacio digital en el que pueden interactuar, las plataformas se colocan a sí mismas en una posición en la que pueden extraer datos de procesos naturales (condiciones meteorológicas, ciclos de cultivo, etc.), de procesos de producción (líneas de ensamble, manufactura de flujo continuo, etc.) y de otros negocios y usuarios (rastreo web, uso de datos, etc.). Son un aparato extractor de datos”.

As plataformas digitais de trabalho têm um tremendo controle sobre a organização do trabalho e a compensação dos trabalhadores, embora ‘ainda aleguem ser apenas um intermediário’ (Kenney e Zysman, 2016, 62). Estes resultados dos avanços tecnológicos representam um regresso ao passado, uma vez que os trabalhadores são contratados como mão-de-obra ocasional e remunerados à peça, o que contribui para o crescimento da mão-de-obra informal ou atípica nos países em desenvolvimento e nos países desenvolvidos. Esta situação apresenta novos desafios às modalidades de trabalho tradicionais e à relação de trabalho típica..., acentuando igualmente as dificuldades existentes, nomeadamente a utilização de formas de trabalho atípico (OIT, 2021, p. 43).

Abílio complementa com a ideia de que

Estamos acompanhando em ato uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho, que está amplamente relacionada ao trabalho mediado por plataformas digitais mas não se restringe a ele; trata-se de uma tendência global, aqui compreendida como uberização [...], possibilitando-nos pensar em termos de consolidação do trabalhador como trabalhador *just-in-time* (Abílio, 2020, p. 111).

Srnicek (2018) adverte que esse trabalhador *just in time* é tido como “descartável”, que recebe por tarefa executada e cujo telefone celular se torna ferramenta indispensável para acessar trabalhos informais sendo simultaneamente instrumento de controle sobre sua atividade.

De tal modo, esse tipo de ocupação cresce também em virtude do fato de que, após a crise de 2008, o processo de recuperação das economias acontece sem ser acompanhado pelo crescimento do emprego e, desse modo, o trabalho autônomo e por plataformas não é uma escolha feita pelo trabalhador e sim uma espécie de imposição feita a estes trabalhadores, estabelecida por um processo de hiperterceirização (Srnicek, 2018, p. 77).

Ademais, o autor supracitado destaca ainda que a rentabilidade de negócios dessa natureza acontece por uma transferência de custos e rebaixamento de salários e tais circunstâncias parecem ser ainda mais notórias em países em desenvolvimento.

Isto permite às empresas, mais uma vez, reduzir custos através da exploração de mão-de-obra barata nos países em desenvolvimento e provoca uma maior pressão pelo rebaixamento dos salários, oferecendo estes empregos nos mercados de trabalho globais [...] Estas empresas também transferiram custos dos seus balanços para seus trabalhadores: questões como custos de entrega para fornecedores de alimentos (como a Pepsi) e para varejistas (como a Whole Foods) em troca de espaço publicitário (Srnicek, 2018, p. 79, tradução nossa)⁷.

⁷ “Esto permite a las empresas, otra vez, recortar costos explotando trabajo barato en países en vías de desarrollo y provoca una mayor presión a la baja en los salarios al ofrecer estos empleos en mercados de trabajo globales [...] Estas empresas también descargaron costos de sus balances y los trasladaron a sus trabajadores: cuestiones como los costos de entrega para proveedores de alimentos (como Pepsi) y para los minoristas (como Whole Foods) a cambio de espacio publicitario”.

Essas novas configurações do mercado de trabalho no capitalismo de plataforma remetem ao recrudescimento de velhas tendências estabelecidas no modo de produção capitalista, expressa na análise de clássicos como, por exemplo, Luxemburgo (1985), para quem o capitalismo necessita de “algo fora de si mesmo” para estabilizar-se e prosseguir.

Na mesma perspectiva, o conceito de “exército industrial de reserva” elaborado por Marx, em *O Capital*, é bastante atual para analisar o lugar dos trabalhadores de plataformas no processo de acumulação capitalista. O excedente de trabalhadores disponíveis no mercado e a desocupação gerada tem levado muitos deles ao credenciamento em uma plataforma digital, elevando a pressão para rebaixamento dos salários e também novas oportunidades de alocação do capital, o que corrobora a ideia de que o “capitalismo cria necessariamente seu próprio outro” (Harvey, 2005).

Harvey (2005) assinala que a acumulação primitiva implicou um importante e contínuo movimento de acumulação no período imperialista e, dessa forma, historicamente, o capitalismo sempre necessita de um “fundo fora de si mesmo” para contornar pressões de sobreacumulação, aspecto que se traduz na busca constante de novos ativos, sejam estas novas terras ou novas matérias-primas que se coloquem à disposição do capitalismo, assim como ocorrera na fase pré-capitalista.

Assim, práticas predatórias contínuas e persistentes de acumulação “primitiva” ou “original” são retomadas, denotando um processo contínuo, o qual Harvey nomeia de “acumulação por espoliação”. Desse modo, na acumulação por espoliação ocorre uma espécie de atualização e aprimoramento dos mecanismos da acumulação primitiva, conforme apresentada por Marx, e as plataformas digitais de trabalho parecem ser na contemporaneidade a forma pela qual esse processo se estabelece.

Outro aspecto que aproxima o trabalho de plataformas às origens do modo de produção capitalista diz respeito ao que Marx retratava como “salário por peça”, que remete à ideia do pagamento por tarefas (no caso, por entrega de pedido ou por viagem concluída) que caracteriza a remuneração típica dos entregadores de aplicativo, levando-os ao prolongamento do tempo de trabalho vis-à-vis a redução proporcional do salário.

Uma relação entre o “salário por peça” com práticas relacionadas ao trabalho em plataformas refere-se ao fato de que trabalhos balizados por esta forma de remuneração são objeto de descontos salariais e fraudes capitalistas, sendo, portanto, mais um elemento de exploração sobre o trabalho (Marx, 2013, p. 623).

Por outro lado, o “salário por peça”, conforme estabelecido teoricamente por Marx, gera no trabalhador um sentimento de liberdade, de independência e autocontrole, o que, desse modo, também guarda forte relação com o que se tem na contemporaneidade, no que diz respeito à percepção dos trabalhadores ao se vincularem a atividades intermediadas por plataformas digitais.

Ainda no que se refere à correlação entre os aspectos que caracterizam o capitalismo de plataforma com a teoria sobre o capitalismo, a Teoria Marxista da Dependência ressalta que a ampliação da exploração do capital encontra terreno mais fértil nos espaços

geográficos com maior atraso no desenvolvimento econômico, remetendo à própria ideia de “superexploração da força de trabalho” (Stedile; Traspadini, 2005).

Para o autor, a superexploração da força de trabalho pode ser verificada através de três mecanismos de precariedade do mercado laboral: aumento da intensidade do trabalho, prolongamento da jornada de trabalho e rebaixamento da remuneração do trabalhador abaixo do seu valor, o que significa reduzir o acesso ao consumo de bens necessários à manutenção e conservação de sua força de trabalho em condições normais, provocando desta forma seu desgaste e atrofiamento.

[...] nos três mecanismos considerados, a característica essencial está dada pelo fato de que são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho: nos dois primeiros casos, porque lhe é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro; no último [salário abaixo do valor da força de trabalho], porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal. (Stedile; Traspadini, 2005, p. 156-157).

[...] a superexploração é melhor definida pela maior exploração da força física do trabalhador, em contraposição à exploração resultante do aumento de sua produtividade, e tende normalmente a se expressar no fato de que a força de trabalho se remunera abaixo de seu valor real. (Marini, 1973, p. 4).

Fontes (2010) critica o fato de a superexploração da força de trabalho ser apresentada e discutida como algo peculiar ao desenvolvimento do capitalismo nas periferias, pois sua análise envolve aspectos com maior grau de complexidade relativo às circunstâncias internacionais.

Trazendo essa perspectiva para o campo regional brasileiro, Couto (2020), ao analisar as condições de trabalho e vida nas duas primeiras décadas do século XXI, destaca que a região do Nordeste brasileiro apresenta as piores condições para os trabalhadores no país. Os menores níveis de rendimento do país ocorrem nesse âmbito geográfico, o que remete imediatamente a um dos aspectos da superexploração da força de trabalho, qual seja aquele que se refere à remuneração da força de trabalho abaixo do seu valor.

Outro aspecto destacado ainda pela autora que alude à superexploração e ao fato desta ser mais elevada na região Nordeste, diz respeito à jornada de trabalho. Verifica-se nesta região a existência de um amplo contingente de pessoas ocupadas com uma jornada inferior à regulamentar, o que se relaciona também com o fato destes trabalhadores terem uma baixa remuneração, e que se relaciona com a superexploração no sentido de negar aos trabalhadores a possibilidade destes reporem sua força de trabalho.

Ainda com base em Couto (2020), outros aspectos que caracterizam maior superexploração da força de trabalho no Nordeste seriam o fato dessa região deter maior percentual de trabalhadores com mais de uma ocupação e mesmo assim serem os que

recebem piores rendimentos no país, como demonstra Couto (2020), através dos dados da Relação Anual de Informação Social (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego: em 2019 os trabalhadores nordestinos recebiam em média R\$ 1.530,67, ao passo que a média de rendimento para o Brasil era de R\$2.232,00.

Nessa direção, destaca-se ainda outra questão para a região como um todo, que foram os motivos para afastamento das atividades laborais relacionadas a inflamações nos tendões e compressão dos nervos provocadas pelo esforço intenso no trabalho, fazendo parte das chamadas “Lesões por Esforço Repetitivo” (LER) e “Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho” (DORT). Igualmente o afastamento pelas chamadas reações ao *stress* grave e transtornos de adaptação são mais frequentes na região em comparação ao conjunto do país, conforme exposto da Tabela 1, reproduzida de Couto (2020). Tais elementos característicos podem estar relacionados, além de uma situação de maior intensidade do trabalho e condições de superexploração da força de trabalho, sobretudo em realidades específicas como o meio rural nordestino, a condições precárias de desenvolvimento da atividade laboral.

Tabela 1 – Número de acidentes do trabalho, por motivo, segundo os 15 códigos d CID-10 mais incidentes no Brasil e no Nordeste. (2017)

CID 10	Total	Típico	Trajeto	Doença do Trabalho	Sem CAT
BRASIL					
S61 - Ferimento do punho e da mão	52.172	49.005	1.403	53	1.711
S62 - Fratura ao nível do punho e da mão	34.526	22.428	5.093	68	6.937
S93 - Luxação entorse, distens. artic lig. tornoz. pé	25.327	16.110	7.437	48	1.732
S60 - Trauma superf. do punho e da mão	24.143	20.594	2.933	40	576
M54 - Dorsalgia	20.599	7.676	1.553	591	10.779
S82 - Fratura da perna incl. tornozelo	19.648	5.985	7.832	35	5.796
S92 - Fratura do pé	17.938	9.238	4.563	49	4.088
S80 - Trauma superf da perna	15.633	9.068	5.932	25	608
S52 - Fratura do antebraço	14.965	6.075	4.830	35	4.025
Z20 - Contato exposição a doença transmissível	14.155	13.969	25	151	10
S90 - Trauma superf. do tornozelo e do pé	13.865	10.202	3.192	16	455
M75 - Lesões do ombro	12.834	1.246	338	1.869	9.381
S42 - Fratura do ombro e do braço	10.295	2.576	4.956	18	2.745
S01 - Ferimento da cabeça	9.846	8.810	928	17	91
T14 - Trauma de região NE* do corpo	9.715	6.710	2.858	17	130
NORDESTE					
S61 - Ferimento do punho e da mão	4.562	4.221	160	4	177
M54 - Dorsalgia	4.062	737	195	142	2.988
S62 - Fratura ao nível do punho e da mão	3.347	1.717	628	5	997
S82 - Fratura da perna incluindo tornozelo	2.742	545	1.061	4	1.132
S93 - Luxação entorse distens. artic lig niv tornoz pé	2.518	1.623	671	9	215
M75 - Lesões do ombro	2.376	110	40	337	1.889
S92 - Fratura do pé	2.026	801	564	3	658
S52 - Fratura do antebraço	1.972	561	672	8	731
S60 - Trauma superf. do punho e da mão	1.925	1.561	287	3	74
S42 - Fratura do ombro e do braço	1.596	310	718	1	567
S80 - Trauma superf. da perna	1.521	832	604	1	84
F43 - Reações ao stress grave e transt. adaptação	1.494	775	52	102	565
M65 - Sinovite e tenossinovite	1.407	104	22	215	1.066
Z20 - Contato exposição a doenc transmissíveis	1.387	1.319	6	62	-
G56 - Mononeuropatias dos membros superiores	1.332	16	2	199	1.115

*NE – Não especificada. CAT – Comunicação de Acidente de Trabalho.
Fonte: COUTO (2020).

Então, a partir dos aspectos elencados, observam-se correlações entre um corpo de conceitos sobre o trabalho precário referidos à origem do capitalismo e/ou sua manifestação na periferia com a aparência “moderna” da precariedade no capitalismo das plataformas digitais, sobretudo no Nordeste, devido aos artifícios usados pelo capital nesses espaços geográficos para manter-se em algum patamar de competitividade.

Na próxima seção, o “raio-x” da produção científica na região tentará observar em que medida este corpo teórico sobre o modo de produção capitalista e as relações de exploração sobre o trabalho têm sido utilizados nas análises sobre os entregadores dos aplicativos digitais no Nordeste.

Um retrato da produção científica sobre os entregadores no Nordeste

“Trabalho digital”, “uberização do trabalho”, “teletrabalho”, “trabalho de plataforma”, “trabalho por aplicativos”, “trabalho na pandemia”, “precarização do trabalho”, “terceirização”... em que pese as muitas diferenças e as “zonas cinzentas” existentes entre elas, esse conjunto de temas, entre tantos outros, colocado aqui sinteticamente como “palavras-chave”, forma um leque de preocupações para os estudiosos do trabalho, que têm dedicado quantidades significativas de pesquisas publicadas na forma de monografias, dissertações, teses, livros, dossiês e artigos acadêmicos avulsos em periódicos.

As abordagens podem ter ênfases mais teóricas ou mais empíricas em forma de estudos de caso, com as mais diversas estratégias metodológicas: etnografias, observação participante, aplicação de *surveys*, realização de entrevistas individuais ou grupos focais. Os recortes da análise sobre tais fenômenos são os mais diversos, desde alguma categoria profissional específica, um determinado nível geográfico (município, região, país, etc.) e contemplar a dimensão de gênero ou a interseccionalidade gênero-raça-classe, o tema da saúde do trabalhador (em termos físicos e/ou psíquicos) e as formas de luta e de resistência de trabalhadores/as, movimentos e instituições.

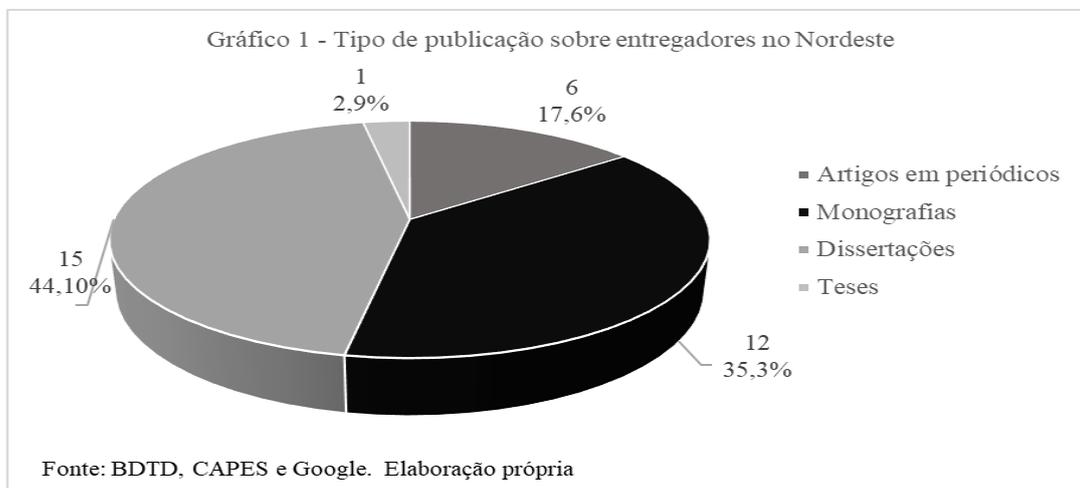
Esta seção traz um retrato sobre a produção acadêmica acerca da atividade de entregadores por meio dos aplicativos digitais na região Nordeste. Retomando o “fio condutor” apresentado na introdução deste artigo, pretende-se traçar um retrato sobre os entregadores a partir das seguintes questões: quais as áreas de conhecimento que têm se ocupado de investigar o trabalho de entregadores? Desde quando os entregadores se tornaram tema de interesse científico? Quais métodos e/ou técnicas de pesquisa têm sido utilizados? Qual o foco principal das questões abordadas? Em que medida os aportes teóricos-conceituais sobre o modo de produção capitalista têm sido utilizados nas publicações sobre os entregadores no Nordeste?

O levantamento aqui concentrou-se nas monografias (TCC), dissertações e teses encontrados no acervo da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) de Universidades no Nordeste e no *Google* acadêmico. Neste mesmo *site* e no Portal de periódicos da CAPES, em menor proporção, também foram buscados os artigos em periódicos sobre entregadores no Nordeste. Relatórios de pesquisa e resumos expandidos ou publicados em anais de eventos acadêmicos não foram considerados neste levantamento. O período da consulta a tais bases foi de 1º a 23 de fevereiro de 2024.

As palavras-chave utilizadas nas BDTDs e no Portal de periódicos da CAPES foram “entregadores de aplicativo” e “entregadores de plataforma digital”. No *Google* acadêmico a busca foi feita a partir de “entregadores por aplicativo” e “entregadores por aplicativo Nordeste”. Apesar dos termos voltarem-se precisamente aos entregadores, o resultado da busca, muitas vezes, incluía os motoristas de aplicativo (*Uber*), que aqui foram descartados, da mesma forma como outras publicações relacionadas ao trabalho digital que não faziam referência aos entregadores. A classificação “motoboys” foi incluída no levantamento, mesmo na dúvida se trabalham com aplicativos ou não. Já “mototaxistas” ficaram de fora da análise, pois partiu-se da premissa, baseado na realidade de Campina Grande, que pode não ser igual a outras cidades do Nordeste, que esta atividade não envolve os aplicativos digitais. É bastante provável que muitas produções abordando a situação de entregadores tenham ficado excluídas se o título fazia menção somente a “trabalho de plataforma”, de modo genérico. Vale ressaltar que, no caso das BDTDs, o resultado da busca já enfoca a produção do Nordeste, ao passo que nas outras bases de dados consultadas se teve acesso a uma produção mais ampla, dentro da qual se procurou identificar os artigos elaborados sobre os entregadores na região.

Considerou-se, neste estudo, como “produção científica sobre o Nordeste” aquelas publicações cujos autores(as) indicaram filiação institucional a Universidades e Programas de Pós-graduação do Nordeste, mesmo quando a publicação fosse em periódicos de outras regiões. Igualmente, revistas sediadas em instituições de ensino superior nos estados nordestinos, sejam públicas sejam privadas, foram, na via inversa, consideradas como um olhar regional sobre os entregadores, independentemente de os/as autores(as) terem origem institucional em outras regiões. Outra situação encontrada no levantamento bibliográfico realizado foram os estudos comparativos envolvendo cidades/regiões nordestinas com as do Sudeste ou do Centro-oeste, por exemplo. A opção, nesse caso, foi incorporá-los.

Com o uso de tais filtros, que inevitavelmente refletem um aspecto subjetivo por parte dos/das pesquisador(as), este artigo traça um perfil da produção acadêmica sobre os entregadores mediados por plataformas digitais no Nordeste baseado em 34 publicações. O resultado obtido não tem a pretensão de ser exaustivo, portanto, ainda há que se apurar melhor a fim de se compreender de modo mais preciso as questões que balizam este artigo. Fica aqui uma (modesta) contribuição nesta estrada.

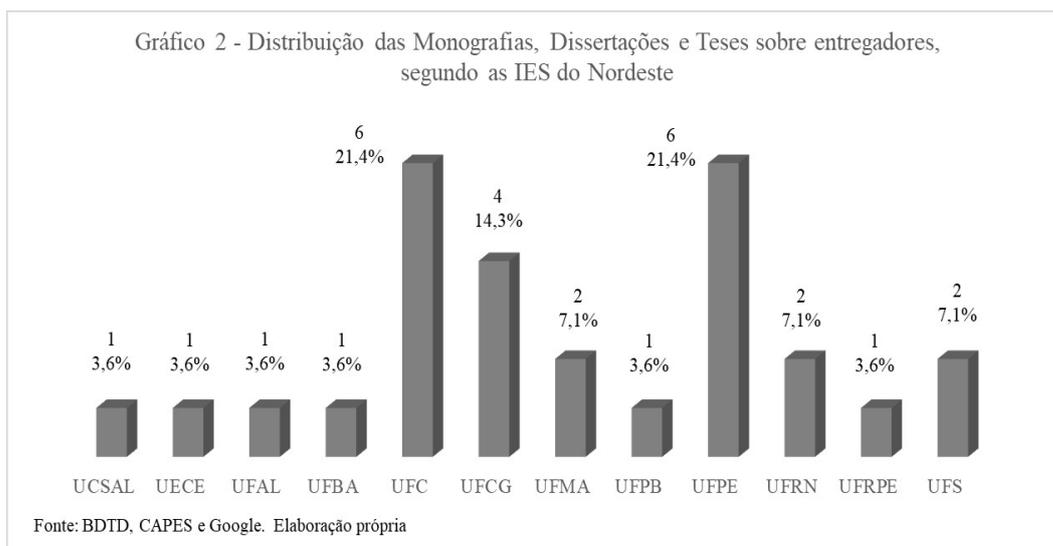


Tendo foco nos aspectos de produção e redistribuição do valor à luz das novas morfologias do trabalho, consideramos importante remarcar quais são as principais tendências da nova reestruturação produtiva pós-2008, na medida em que é a partir dessas tendências que tem se moldado o tabuleiro do mundo do trabalho.

O Gráfico 1 mostra que a maior parte das publicações encontradas sobre entregadores de aplicativo no Nordeste são dissertações de mestrado (15 títulos correspondendo a 44,1%) seguido por 12 monografias de conclusão de curso (35,3%). Apenas uma tese de doutoramento foi encontrada nas bases consultadas e foram encontrados seis artigos em periódicos.

Chama a atenção a quantidade significativa de monografias, demonstrando que o tema, em geral, desperta grande interesse entre alunos e alunas de graduação. Por outro lado, nos surpreendeu o baixo número de artigos encontrados nas bases consultadas. Não se sabe qual a razão para isso, mas, de todo modo, indica um vasto campo aberto para publicação de novos estudos sobre o tema, com o recorte regional nordestino.

A mesma observação pode ser feita em relação às teses, principalmente pelo contraste com o número de dissertações. Uma hipótese para o baixo número, nesse caso, pode ser que pesquisas podem estar em andamento nos cursos de doutorado nos PPGs.



No Gráfico 2, destaca-se que há pelo menos um trabalho acadêmico (monografia de conclusão de curso, dissertação ou tese) sobre entregadores em pelo menos uma IES pública federal em cada estado da região, com exceção do Piauí. Nesse sentido, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal do Ceará (UFC), juntas, lideram a produção acadêmica na região, seguidas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e depois, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a do Rio Grande do Norte (UFRN) e a de Sergipe (UFS), conforme Quadro 1, a seguir.

QUADRO 1 - Publicações em periódicos sobre entregadores no Nordeste

Periódico	ISSN	Instituição	Área mãe	Qualis 2017-2020	Ano da publicação
Contemporânea	2316-1329	UFSCar	Sociologia	A4	2023
RBEPT - Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica	2447-1801	IFRN	Ensino	A2	2023
Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho	2316-5235	UFRN	Economia	B3	2021
Revista ENIAC	2316-2341	Centro Universitário ENIAC	Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo	B1	2023
Revista Labor	1983-5000	UFC	Educação	B1	2022
Transportes	2237-1346	ANPET*	Engenharias	A4	2022

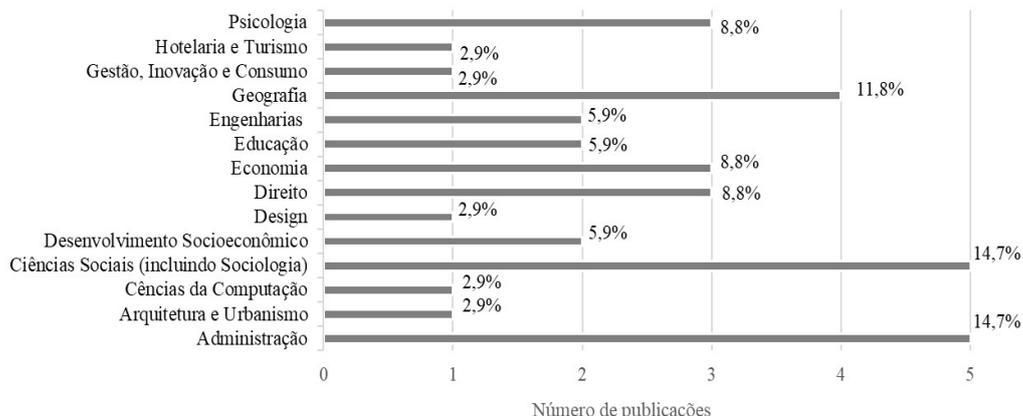
Fonte: CAPES, Google Acadêmico. Elaboração própria

* A Associação Nacional de Pesquisa e Ensino em Transportes – ANPET – é uma instituição sem fins lucrativos, criada com o propósito de atuar como um fórum especializado para discussão da pesquisa e ensino em transportes no Brasil, que reúne instituições como COPPE/UFRJ, EESC-USP, IME, ITA, EPUSP, PUC-RIO, UFPE, UFC, UFMG, UFPB, UFPR, UFRGS, UFRN, UFSC, UnB, UNICAMP, todas com programas de pós-graduação na área de transportes.

No que diz respeito às publicações em periódicos, foram encontrados seis artigos sobre entregadores situados no Nordeste, sendo três deles publicados em revistas de instituições de pesquisa da própria região (UFRN, UFC e IFRN), dois em periódicos do Sudeste (UFSCar e Centro Universitário ENIAC) e outro por uma rede de 16 instituições de pesquisa, sendo 4 delas localizadas em estados nordestinos.

No sistema de Classificação de Periódicos Quadriênio 2017-2020 da CAPES, tais revistas foram indexadas em diferentes áreas-mãe: Sociologia, Educação, Economia, Administração e Engenharias. Três delas foram classificadas no estrato superior de avaliações (A) e as demais ficaram com nota B.

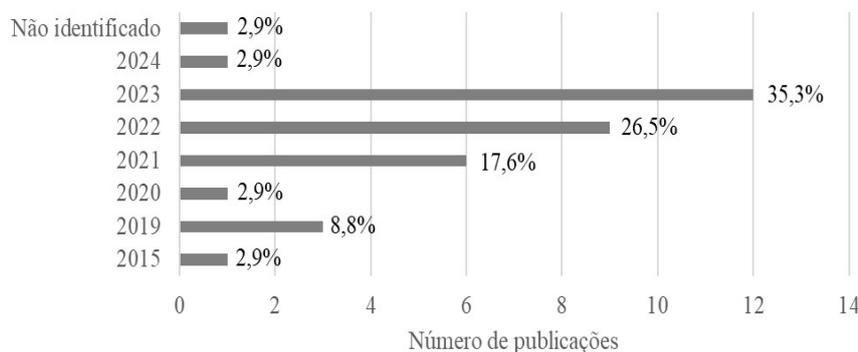
Gráfico 3 - Área temática das produções científicas sobre entregadores no Nordeste



Fonte: BDTD, CAPES e Google. Elaboração própria

O Gráfico 3 mostra que os estudos sobre entregadores no Nordeste estão pulverizados em diversas áreas de conhecimento, algumas delas onde já se esperava que este tema fosse foco de pesquisas, como nas Ciências Sociais/Sociologia, no Direito, na Economia ou na Psicologia, por exemplo, pois em todas estas há uma tradição de estudos sobre trabalho. A surpresa nesse levantamento foi ter encontrado tanto interesse sobre o tema em áreas como Administração de empresas, Hotelaria e Turismo, Engenharias, Arquitetura e Urbanismo, Design e Gestão, Inovação e Consumo. Isso põe em evidência que o trabalho digital e a uberização relacionados aos entregadores vêm recebendo contribuições de áreas de conhecimento com pouca (ou nenhuma) tradição de estudos sobre o Trabalho, em geral. A questão é que os estudos sobre entregadores têm focado temas para além do trabalho, como mobilidade e planejamento urbano, potencializando uma compreensão mais ampla sobre essa atividade e o universo que envolve esse segmento de trabalhadores.

Gráfico 4 - Ano das publicações sobre entregadores no Nordeste



Fonte: BDTD, CAPES e Google. Elaboração própria

De acordo com o levantamento feito nas bases consultadas, as primeiras publicações encontradas sobre entregadores no Nordeste datam de 2015, mas é só a partir de 2021 que se inicia um crescimento exponencial das publicações, conforme imagem do Gráfico 4⁸. Considerando que boa parte da bibliografia é de dissertações e que uma defesa de mestrado é resultado de uma pesquisa iniciada dois anos antes, pode-se inferir que em 2019 começou a proliferar o tema nos PPGs para alcançar resultado expressivo em 2021 e nos anos seguintes. Essa análise, se fizer sentido, fornece uma explicação para ter encontrado apenas uma tese nas bases consultadas e cria a expectativa de que os/as doutorandos/as que entraram nos PPGs das IES nordestinas em 2020 ou 2021 para estudar sobre os entregadores devam fazer a defesa entre 2024 e 2025.

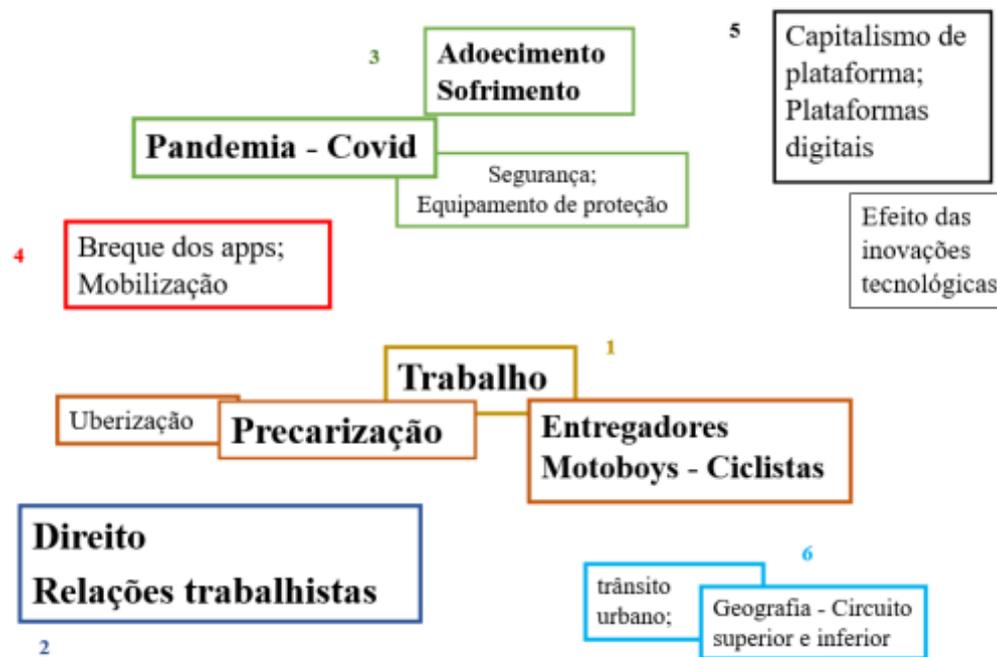
Assim, o levantamento das teses e dissertações nas BDTDs das instituições de pesquisa do Nordeste nos permite supor que a atividade dos entregadores ganha relevância nos estudos acadêmicos praticamente junto com a pandemia do coronavírus, quando esta categoria de trabalhadores e as empresas de aplicativo alcançaram enorme projeção na sociedade e centralidade diante das medidas de isolamento social, atraindo o “olhar” dos pesquisadores.

Da mesma forma, o levantamento dos artigos em periódicos, mostrado no Quadro 1, corrobora o período de *boom* das publicações que o Gráfico 4 indica, pois a quase totalidade deles foi publicado em 2022 e 2023.

Foram indicadas 124 palavras-chave no conjunto dos 34 artigos, teses e monografias de conclusão de curso que dedicaram seus estudos aos entregadores no Nordeste. Evidentemente, muitas delas são repetidas, como, por exemplo, “aplicativos móveis” ou “precarização”, mas ao fazer um tratamento de agregação das palavras utilizadas com maior frequência é possível estabelecer uma relação entre elas e a configuração de seis eixos temáticos nos quais tem havido maior investimento das pesquisas. A figura abaixo procura expressar os eixos destacando a maior incidência dos temas através do tamanho da fonte, do negrito nas palavras, das cores nas caixinhas e da proximidade – distância entre elas.

⁸ A conclusão deste artigo foi feita em fevereiro de 2024, daí o número ainda baixo de publicações nesse ano.

Figura 1 – Seis eixos temáticos nas publicações sobre Entregadores no Nordeste



Fonte: BDTD, CAPES e Google. Elaboração própria

Palavras-chave como “trabalho”, “precarização” e “entregadores/motoboys/ ciclistas” constituem o primeiro eixo e são o ponto central nas publicações levantadas, a julgar pela frequência com que são mencionadas. Essa situação remete à uberização do trabalho, mesmo que, surpreendentemente, essa expressão não seja tão usada quanto as demais. O complemento muito próximo de tais ideias nas publicações – que forma um segundo eixo temático nos estudos – expressa-se na frequência das palavras-chave “direito” e outras semelhantes (que muitas vezes expressa uma denúncia sobre a perda de direitos) e “relações trabalhistas” ou “mudança nas relações trabalhistas”.

O terceiro eixo se forma a partir das palavras-chave “pandemia” e “covid”, certamente muito usadas devido ao contexto no qual as pesquisas eram realizadas, que deu origem às publicações. As dissertações e demais estudos que abordaram esse tema adotaram recortes ligeiramente distintos na análise. Em alguns, a ênfase foi dada aos entregadores; em outros, eles foram tomados “apenas” como um “caso” a se compreender no escopo da situação de pandemia. Seja qual for o viés, “pandemia”, “covid” e entregadores estão imbricados e, em certo sentido, aprofundam o tema da precariedade, ainda que mantenham especificidades. Juntam-se nesse eixo outras palavras-chave como “adoecimento” e “sofrimento” que, embora possam estar conectadas à “pandemia”, não se reduzem a esse fenômeno, pois têm um caráter estrutural e permanente relacionado à saúde do trabalhador. Com menor frequência, são mencionadas também palavras-chave como “segurança” e “equipamentos de proteção”.

“Breque dos *apps*”, “mobilização”, “organização”, “resistência” e outras tantas palavras-chave frequentes nos estudos sobre entregadores no Nordeste formam o quarto eixo. Na Figura 1, este conjunto situa-se próximo dos anteriores pela relação existente com as manifestações no enfrentamento às formas de precarização, sobretudo no momento pandêmico. Apesar da proximidade com os demais eixos, indicamos que os estudos dedicados a este tema guardam uma especificidade ao tratar da ação coletiva e dos novos repertórios de mobilização, sobretudo pela comunicação através das redes sociais, que conferiria um caráter mais horizontal à organização.

Outras palavras-chave usadas com alguma frequência são “capitalismo de plataforma” e “plataformas digitais”, aqui agregadas, embora não sejam sinônimos. Aproximamos o sentido delas com a palavra-chave bastante ampla “efeito das inovações tecnológicas”, afinal, a atividade pelos aplicativos só é possível pelo uso de aparelhos celulares que conectam virtualmente empresa e prestadores de serviços *delivery*. Observa-se que este quinto eixo está um pouco distante dos anteriores, não por inexistência de relação entre elas, mas porque este tema remete a uma abordagem mais teórica.

Finalmente, o sexto eixo foi situado um pouco mais distante dos demais, pois trata do espaço urbano e da organização nos territórios através dos conceitos de “circuito inferior” e “circuito superior”, consagrados pelo geógrafo Milton Santos para analisar as atividades caracterizadas pela informalidade em espaços periféricos e populares e sua conexão com a economia capitalista, formada por grandes empresas e um mercado de trabalho estruturado. O uso dessas palavras-chave em publicações sobre entregadores no Nordeste evidencia um tipo de apropriação da área de geografia sobre esses trabalhadores, situando-os na interface (ou como ponte) entre um universo de informalidade e precariedade e a acumulação crescente de uma empresa capitalista, drenando recursos dos “de baixo” para os “de cima”.

Se esse eixo de palavras-chave nos remete para um “olhar” da área de geografia sobre os entregadores, pode-se deduzir que os eixos formados pelas demais palavras-chave correlacionam-se a determinadas áreas, como parece ser o caso do segundo eixo com o Direito, ou a do terceiro eixo com a Psicologia e a área da saúde em geral. Há várias outras palavras-chave nas publicações que não foram incluídas em nenhum eixo pelo uso esporádico nas publicações, como, por exemplo: “liberdade”, “percepção”, “atitude” e “marketing digital”, entre outras, como mostrado no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Principal método e/ou técnica usadas nas pesquisas sobre entregadores no Nordeste

Análise de risco da atividade dos entregadores	1
Análise dos aplicativos digitais	1
Diário de campo	1
Entrevista em profundidade	2
Entrevista semiestruturada	10
Etnografia	1
Observação direta	1
Observação flutuante	1
Pesquisa bibliográfica	4
Pesquisa documental	2
Pesquisa qualitativa exploratória	1
<i>Survey online</i>	2

Fonte: BDTD, CAPES e Google. Elaboração própria

Os métodos e técnicas mais utilizadas nas pesquisas sobre os entregadores foram as entrevistas semiestruturadas ou em profundidade. No contexto pandêmico, muitas tiveram que ser realizadas *online*, ou quando presenciais, tiveram que seguir protocolos de biossegurança, sendo um desafio novo para a comunidade acadêmica. A pesquisa estritamente bibliográfica e/ou documental também foi mobilizada para enfrentar as restrições da pandemia. Chama a atenção, no Quadro 1, o uso da análise de risco, que vem da área da saúde do trabalhador e a análise das informações disponíveis nos aplicativos das empresas no celular dos entregadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado neste artigo, não foi nossa pretensão sistematizar o “estado da arte” dos estudos sobre entregadores das plataformas digitais no Nordeste, situando os distintos pontos de vista que conformam o debate sobre o tema, mas tão somente traçar um “raio-x” das publicações científicas (teses, dissertações, monografias e artigos em periódicos) sobre esta categoria levantadas nas Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações das Instituições de Ensino Superior situadas na região, no Portal de periódicos da CAPES e na base do *Google* acadêmico. O que se pode destacar nestas considerações finais?

Primeiro, que nos surpreendeu negativamente o escasso número de obras encontradas com esse recorte. Portanto, o resultado obtido não tem a pretensão de traçar um perfil exaustivo, mas indicar passos iniciais que precisam ser aprimorados e aprofundados, sobretudo, na direção do “estado da arte”

Das questões que balizam este artigo, pode-se dizer que nos surpreendeu, agora positivamente, a diversidade de áreas de conhecimento que têm se ocupado de investigar o trabalho de entregadores. Além daquelas onde já estão consolidados os estudos sobre trabalho (a Sociologia, a Economia, o Direito, entre outras) e que concentram a maior parte da bibliografia, o fenômeno dos entregadores das plataformas digitais mobilizou nos anos recentes o interesse de graduandos e mestrands também de áreas como Engenharia, Arquitetura, Administração, Ciências da Computação, entre outras, para aportar suas perspectivas na compreensão sobre os entregadores. A nosso ver, isso deve ser saudado, pois permite um olhar mais amplo e com outros pontos de vista. A ver se estas áreas seguirão com a produção acadêmica sobre o tema nos próximos anos...

As pesquisas sobre entregadores no Nordeste são muito recentes. Ganham fôlego a partir de 2021 e vêm tendo um crescimento exponencial desde então. Não nos parece que terão voo curto e a expectativa é que siga o mesmo ritmo de crescimento nos próximos anos, sobretudo quando as teses de doutorado sobre o tema começarem a ser defendidas.

Segundo ponto a destacar, as pesquisas sobre entregadores no Nordeste tiveram que “enfrentar um parto difícil”, pois sua expansão, não à toa, coincidiu com o período pandêmico da covid, que trouxe enormes e inéditas dificuldades a todos os pesquisadores e pesquisadoras no mundo todo. Apesar do cenário extremamente adverso, inúmeros pesquisadores e pesquisadoras lançaram-se para investigar diversos aspectos da categoria que se tornou o ícone do trabalho precário e mal pago enfrentando diariamente o risco de contaminação e morte para levar comida a todos/as que podiam se proteger e se recolher no isolamento social.

A quantidade de pesquisas que se iniciou no auge da pandemia para ser defendida em 2022 e 2023 mostrou que os pesquisadores e pesquisadoras também foram bravos/as e dedicados/as à ciência no período mais difícil, enfrentando a crise sanitária global e o fascismo negacionista que desmontava, desincentivava e deslegitimava toda atividade científica, sobretudo aquela voltada ao mundo do trabalho e às questões sociais, em geral. Além disso, também foram muito criativos/as para fazer pesquisa de campo e entrevistas (de modo presencial ou remoto) com entregadores.

Finalmente, através do agrupamento de temas em torno de palavras-chave como “precarização” no primeiro eixo; “direitos” – que muitas vezes significa “falta” ou “perda de direitos” ou “mudança nas relações de trabalho” – no segundo eixo; “adoecimento”, “sofrimento”, “pandemia” e covid”, no terceiro eixo; podemos perceber que a produção científica sobre entregadores dos aplicativos digitais no Nordeste tem destacado um quadro de depreciação das condições laborais desses trabalhadores. Nota-se, porém, que os conceitos abordados na primeira seção deste artigo não apareceram entre as palavras-chave.

Qual a explicação para isso? No escopo deste artigo não é possível avançar mais do que essa constatação.

Uma análise a fundo sobre as publicações se faz necessária como continuidade deste estudo. Fica, como reflexão final, o questionamento sobre se faltaria ainda às pesquisas um “olhar” mais acurado para identificar “o que há de nordestino” nas relações de trabalho dos entregadores, para além da (re)conhecida superexploração, sobretudo nos aspectos culturais regionais que ressaltam a resiliência e a resistência popular, e que podem trazer novas cores e novos tons na compreensão do capitalismo de plataforma.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 34, n. 98, p. 111–126, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/170465>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- COUTO, Márcia de Lima Pereira. **Relações de Trabalho na Contemporaneidade: Uma análise para o Nordeste brasileiro a partir dos anos 2000**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Para, Belém, 2020.
- FIGO, Anderson. O estouro da Bolha PontoCom que quebrou mais de 500 empresas e é uma assombração até hoje. **Infomoney**, 12 dez. 2020. Disponível em <https://www.infomoney.com.br/mercados/o-estouro-da-bolha-pontocom-que-quebrou-mais-de-500-empresas-e-e-uma-assombracao-ate-hoje/>. Acesso em 9 mar. 2024.
- FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.
- HARVEY, David. **O novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Acumulação de capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MACHADO, Sidnei; ZANONI, Alexandre Pilan (org.). **O trabalho controlado por plataformas digitais: dimensões, perfis e direitos**. Curitiba: Clínica Direito do Trabalho, 2022. *E-book*.
- MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1973.
- MARX, Karl. **O Capital**, livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- OIT. **Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo 2021: O papel das plataformas digitais na transformação do mundo do trabalho**. Bureau Internacional do Trabalho. Genève: OIT, 2021.
- SRNICEK, Nick. **Capitalismo de Plataforma**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

STEDILE, João Pedro; TRASPADINI, Roberta (org.). **Rui Mauro Marini**: Vida e Obra. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado**: a crise adiada do capitalismo democrático. Coimbra: Conjuntura Actual Editora, 2013.

(Recebido para publicação em 29 de fevereiro de 2024)

(Reapresentado em 14 de março de 2024)

(Aprovado para publicação em 19 de março de 2024)